Mais

Rui de Azevedo Teixeira. Trilogia

Onde levará a paixão ardente e carnal entre um fascista e uma militante do PCP, marcada por ásperas discussões que se desfazem em fumo sobre os lençóis? **O Imenso, Sereno e Doce Rio**, um romance onde o ciúme assume um papel fulcral, fecha a trilogia iniciada em 2021 por Rui de Azevedo Teixeira.

Rui de Azevedo Teixeira, um autor que nunca se esconde em meias-palavras

MAFALDA GOMES

ERNESTO RODRIGUES
mais@ionline.pt

'A vida aventureira de um homem de Letras' – subtítulo da trilogia romanesca de Rui de Azevedo Teixeira – torna-se venturosa a partir da terceira, última e breve parte de **O Elogio da Dureza** (2021), ao conhecer, em escola do Funchal, "a etérea Iza", estagiária germanista com quem casa. Ela será permanência e âncora, mau-grado intermitências da paixão – perigosa com a búlgara Diana, em **O Longo Braço do Passado** (2022), de um ciúme quase assassino na comunista Ana Roriz, que pontifica em **O Imenso, Sereno e Doce Rio** (Guerra & Paz, 2023).

Antes, porém, dessa relação fusional que dá sentido à existência, assistimos à maturação psicológica de quem sobrevive a uma filiação problemática (com pergunta final respondida no terceiro volume), enquanto aprende a ser duro e dual ("melancolérico": distinguindo amor e paixão) e a formar-se ideológica e universitariamente.

A suspensão do curso superior no ante-25 de Abril caldeia o alferes comando no Leste angolano, mas cedo a defesa do Império se confronta com a razão do lugar, na imagem do negro que sobe e se desvia no seu passeio face ao jovem militar branco doravante sensível aos azares da História. Podia ser uma cena inócua: reveste-se, todavia, de um profundo significado histórico, ao inscrever os desvios da colonização. Uma especial biblioteca, citada e recorrente na trilogia, corrobora ou ilumina os actos de quem, agora, é dito em terceira pessoa, antes de intercalar voz própria no discurso de um supernarrador; mas avançando já com um, depois mais presente, Diário Incerto (em 2021, transcrito à mão).

Essa distância narrativa afasta a prosa de floreados – sem se eximir ao calão marcial – e sinaliza melhor não só o despeito e violência dos camaradas, inclusive na traição, como naturaliza a crueldade da guerra, educando na dureza frente a outrem, inimigo (também nas suas lutas intestinas) ou inocente, sem lamentos ou compaixão. A condição humana mostra-se no seu avesso, e há quadros que nos apertam o coração. Na consciência de povos entretanto adultos cresce o embrião da Lusofonia, entidade marcante nos volumes seguintes.

A composição funda-se em pequenos avanços e recuos temporais no ante e pós-25 de Abril, acompanhados de mudanças de lugar, incidências históricas (assim a luta do Norte contra o PREC – Processo Revolucionário em Curso), breves retratos de amizades excêntricas e docentes coimbrões. Bacharel e licenciado, o nosso "homem de Letras", de pena sempre viva, ganhou um futuro profissional na academia. Mas não depõe a espada.

VIA-SACRA **O Longo Braço do Passado** são 14 capítulos de uma via-sacra de Paulo de Trava Lobo até à libertação do último redil. Os primeiros cinco capítulos, na Parte I, estão sob a égide da búlgara Diana Sotirova, docente no instituto superior do Lubango onde o nosso protagonista ensina Teoria da Literatura. Reencontram-se no Grande Hotel de Huíla, em leitos de paixão e no adeus nevado, quando, vivendo já no Porto, decide visitá-la na terra natal. Diana é mulher fatal, ou quase. Há um passado anterior, porém, futuro desse antigo comando: a mulher Iza, de Lourenço Marques, sobrevindo nas derivas de Paulo.

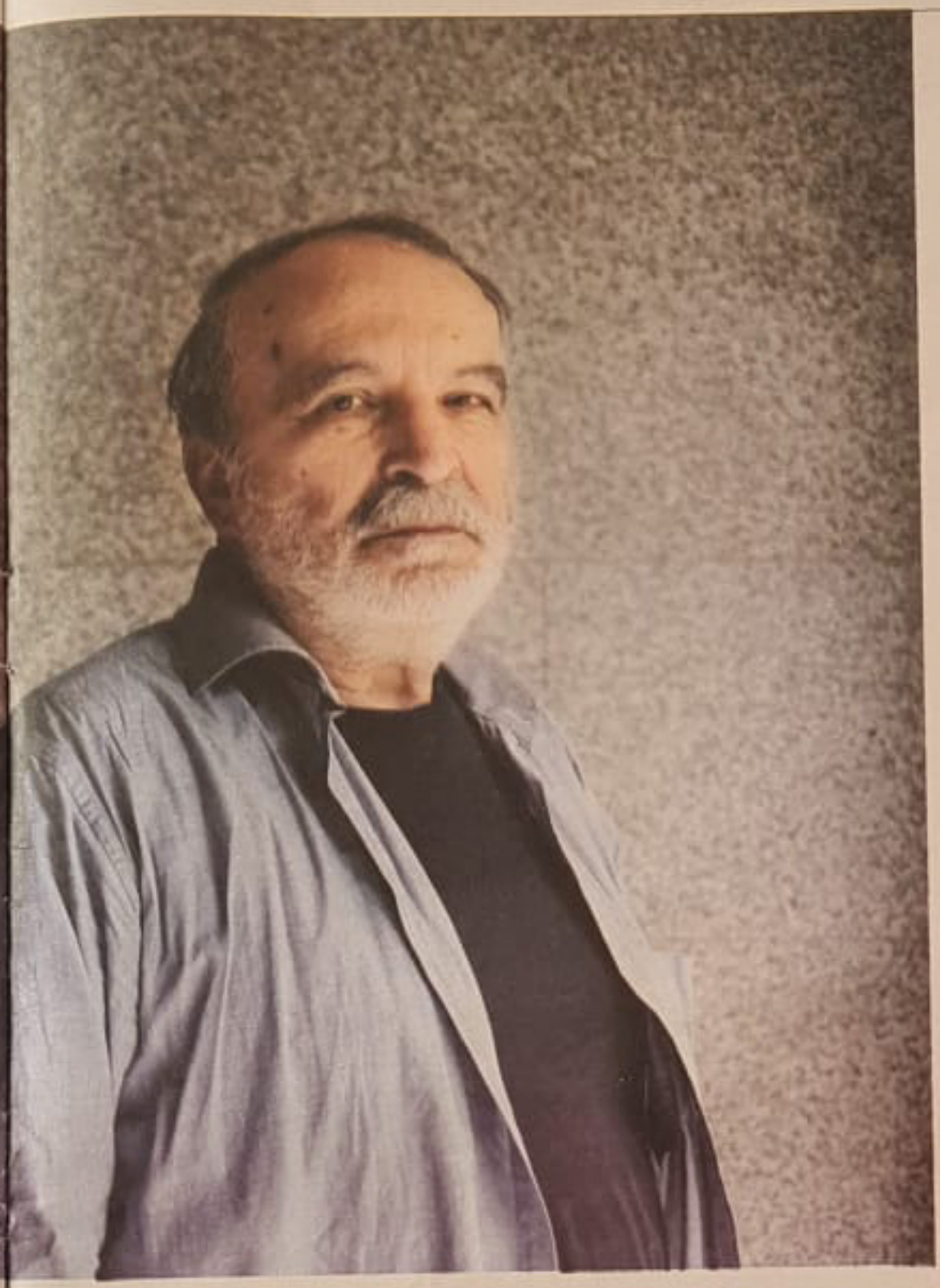
A Parte II situa-nos entre a docência no Porto e em Lisboa, intervalada por um doutoramento na Alemanha. As diferenças entre os dois países e quadros da universidade e vida literária lusitanas oferecem-nos reflexões instantes e momentos desopilantes, na caracterização dessa fauna, facilmente reconhecível (na sequência de divertidos retratos de angolanos e de cooperantes); mas um assim disseminado romance de campus, que também podíamos ler na passagem de Hemingway a Camões, seria pouco, se dramas mais agudos não sobreviessem.

Antes de mais, estas páginas celebram amizades e admirações e reivindicam uma selvagem independência de espírito, esse "correr em pista própria, solitária, como um lobo". Vigiado, à chegada, por Kama, tornam-se cúmplices em dois crimes: o primeiro, cruamente narrado, sob forma de "vingança bíblica"; o segundo, em que está em causa a defesa de Diana contra o cerco de co-nacionais, terá consequências no final da Parte II – causa e consequência dividem-se pelas duas partes –, em que a solidariedade militar resolve perigosa chantagem. E, assim, do Lubango ao Monte Estoril, de Lisboa a Bissau, desprende-se do constringente abraço da memória recente, para um justo gozo de aposentado.

Tal coligação de forças revê-se na narração em terceira pessoa, completada ou esclarecida nas aspas do protagonista. Este junta, ainda, o tal Diário Incerto, que corta, sem apagar, os termos incorrectos, nisso seguindo o processo do sujeito, cujas falhas, assumidas, encontram em Iza última resolução. A espaços, como lembrete, vêm balanços da história em curso e de eventos anteriores, iluminantes. A par, um entendimento da escrita em acto, transcritora de registos multilingues ou do falar portuense, empática, num à-vontade repousante, contra seduções de literatice.

A clareza de posições documenta um ciclo histórico ainda hoje em análise: sobre a guerra colonial, a presença comunista em Angola, as tragédias netista e nitista, várias formas de contrabando... Em confronto, erige-se uma política, também individual, de disciplina, anti-burocrática, lendo uma Cultura Portuguesa universalmente repartida, alheia aos departamentos do viciado negócio universitário.

Contra as gangas que nos apertam, este romance pode ser entendido, igualmente, como uma experiência do Ser enfim cumulada: na bela descrição entre dunas e Atlântico, em que a nudez faz "a exacta bissectriz de três infinitos – céu, deserto e oceano", Paulo "sentiu-se uma absolutamente parte integrante do Universo": "Sentiu-se descorporizar, simultaneamente ínfimo e infinito." Eis que, no parágrafo seguinte, qual alter-ego, se revela Camões, "Poeta da



Terra e Outros Espaços", tema de tese só resumida, à atenção dos especialistas. Útil sob tantos aspectos, é um deleite conhecer este ainda jovem ficcionista.

UMA COMUNISTA DE FIBRA A pintura em claro-escuro de protagonista contra um fundo negro tornar-se-á, a pouco e pouco, mais leve, até serenar no título recém-saído, tirado das linhas finais, desaguando em Iza: "Depois dos "percalços" de dois tumultuosos rios de rápidos, o imenso, sereno e doce rio de vida do casal Paulo e Iza Possolo Lobo voltava ao seu curso natural". Novas Áfricas e o Brasil abrem e fecham o círculo lusófono, esse império a cuidar melhor; Lisboa é o ponto de fuga de um minhoto para o deslumbramento alentejano, espelhado em Ana Roriz.

Burocrata na Universidade, Ana Roriz tem tanto de militante comunista quanto de incendiada paixão. Casou duas vezes e vive, sem troca de favores, com um terceiro camarada. O fundo divórcio ideológico com um antigo comando é proporcional à devoção, até ao risco da obsessão e suas consequências, que por ele nutre. Figura em gradações de gosto e atitude, desde a gastronomia ao porte hierático, quais personagens de Piero della Francesca admiradas na Brera milanesa, Ana Roriz começa por ser um enigma, cria rupturas, reconvém, insiste, entrega-se, deixa emergir um monstro verde, que da inveja passa a ciúme, em voracidade totalitária.

Rara na nossa ficção, desenha-se uma personagem notável, em cambiantes oscilando entre delírio e desespero. Cada gesto denuncia inteireza, um ser tudo em cada coisa, inclusive, na ameaça velada que o interlocutor não lê sob forma de estilete. O leitor vai incomodado, seguro de que o título não joga com o essencial da história, e em algum momento, na lógica da trilogia, um desenlace mau terá de acontecer. A solução é inesperada; mas, ainda no prejuízo, impõe-se admirar a coragem de Ana Roriz.

Outra raridade é o protagonismo do ciúme, que dá sentido ao final, e, aliás, sob vários aspectos, podemos rastrear nos três volumes. O ciúme não é comum na nossa literatura e, se existe, não assume esta violência. Opõe-se-lhe, ora a amizade viril, ora uma vitoriosa Iza. Se esta vinga, mesmo na ausência, não ofusca a obsidiante presença de Ana Roriz, cujas contradições podem não agradar ao Partido, mas não deixam de esclarecer o comportamento dos militantes à luz de uma alegada, parafraseando Álvaro Cunhal em artigo de Janeiro de 1974, "superioridade moral dos comunistas". Também por isso, a carga histórico-ideológica deste romance constitui não pequena raridade.

Rui de Azevedo Teixeira é um autor que nunca se esconde em meias palavras, nem deixa ironias a meio, e seriamente nos faz sorrir; figura-nos um herói que teve mau nascimento (assim o seu Camões), e amor dos pais nenhum. Sobrepairando a tantas vicissitudes, a lição da trilogia, porém, é um hino ao Amor.